

O Conceito de Trabalho nos Clássicos da Sociologia

Felipe Mateus de Almeida*

Introdução

Todo o sociólogo, aspirante a sociólogo ou curioso pela teoria sociológica deve ter em mente que os clássicos da sociologia são de extrema importância para a compreensão daquilo que é produzido na contemporaneidade pelos grandes teóricos dessa ciência. Além disso, suas contribuições foram e são muito importantes para o entendimento de uma determinada época e de um determinado contexto histórico.

A sociologia clássica tem como principais representantes Durkheim (1858 – 1917), Marx (1813 – 1873) e Weber (1864 – 1920). Cada um desses autores teve uma teoria e um método de análise dos fenômenos da sociedade, o que fez com que eles elaborassem teorias sobre a sociedade, a política, a economia, o poder, o estado, a religião, o trabalho etc.

Nesse trabalho, nos limitaremos a uma análise sobre o conceito de trabalho em Durkheim, Weber e Marx¹ tendo como base alguns de seus livros onde esse conceito se encontra mais trabalhado. É claro que antes de entrarmos na análise sobre o trabalho nos clássicos da sociologia, é preciso que se fale sobre a teoria e o método em cada um desses autores. *As Regras do Método Sociológico* (1895) e *Da Divisão do Trabalho Social* (1893) escritos por Durkheim; *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904) escrito por Weber e *O Capital* (1867); *Manuscritos Econômico-filosóficos* (1844); *A Ideologia Alemã* (1846) e *Contribuição a Crítica da Economia Política* (1859) escritos por Marx, serviram de base para a construção desse texto. Tais livros apresentam a teoria e o método desses autores e, além disso, abordam de maneira mais clara e profunda o conceito de trabalho.

O Conceito de Trabalho em Émile Durkheim

Antes de abordarmos os estudos sobre o trabalho em Durkheim, uma breve análise sobre sua teoria e método faz-se necessária. Esse autor sempre esteve preocupado com a criação de uma ciência da sociedade que fosse autônoma, ou seja, que tivesse um caráter e postulados próprios e fosse independente da filosofia e da psicologia. É preciso que se

* Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Membro do Núcleo de Estudos Sobre o Trabalho da Universidade Federal de Goiás – NEST/UFG.

¹ Evidentemente que ao se falar de trabalho nos clássicos da sociologia, também serão feitas menções as análises sobre a sociedade, a economia, o estado etc., pois, uma categoria está ligada a outra.

analise os fenômenos como uma coisa dada e concreta, ou seja, é preciso que se faça uma diferenciação entre a coisa e a ideia através de um processo de afastamento do sociólogo de suas ideias e pressupostos pessoais. A realidade deve ser estudada pelo sociólogo como ela é e não como ela deveria ser,

Durkheim se esforça para declarar a autonomia e a especificidade da sociologia e para isso a distingue da Psicologia e da Filosofia. [...] Para ele, a sociologia é uma ciência autônoma e distinta das demais e isso se revela principalmente no seu objeto de estudo, bem como se distingue da Filosofia em razão de sua objetividade e pelo fato de se remeter ao empírico (VIANA, 2006, p. 31).

Diante dessas colocações, Durkheim define como objeto de seus estudos e, conseqüentemente, segundo ele como objeto de estudo da sociologia, os fatos sociais. Para ele, os fatos sociais devem ser definidos como:

[...] toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais (DURKHEIM, 2007 [1895], p. 13, grifos do autor).

Os fatos sociais são dotados de três características essenciais: a coercitividade, a exterioridade e a generalidade. O fato social é coercitivo porque exerce um poder que faz com que o indivíduo realize ações que muitas vezes são feitas contra a sua vontade; é exterior porque já se encontra pronto e constituído na sociedade antes mesmo do nascimento dos indivíduos que virão a fazer parte dela e é geral porque atinge todas as esferas da sociedade e todos os seus participantes.

Ainda pensando sobre essa questão da teoria e do método sociológico de Durkheim é preciso que se leve em consideração que esse autor defendia a neutralidade do pesquisador, ou seja, ele deveria se afastar de todos os seus pressupostos desde a problematização do objeto a ser investigado até as conclusões da pesquisa.² Para esse autor, o fato social já se

² Weber também pensava na questão da neutralidade do pesquisador, porém, apresentando divergências em relação à proposta de Durkheim. Enquanto Durkheim afirmava que o pesquisador deveria se afastar de todas as suas pré-noções desde a problematização da pesquisa, Weber dizia que todo o problema de pesquisa surge de um determinado juízo de valor, mas que durante a realização da pesquisa o sociólogo deveria se preocupar com o juízo de fato, ou seja, com aquilo “que é” ao invés daquilo que “deveria ser”. Portanto, para Weber, o sociólogo não deve abrir mão de seus juízos de valor (como deveria ser ou como ele pensa que seja), pois a partir do juízo de valor é que se tem o surgimento de uma pesquisa. Porém, a partir do momento em que a pesquisa ganha corpo é preciso que o pesquisador abandone tais juízos e passe a realizar um processo de distanciamento ou de neutralidade para poder se aproximar da melhor maneira possível da realidade de determinado objeto social ou “daquilo que é”.

encontra constituído na sociedade e cabe ao pesquisador apenas analisar como determinado fato social regula as ações dos indivíduos para com os demais membros da sociedade em que convivem, ou seja, “a obra do sociólogo não é a do homem público. Logo, não precisamos expor em detalhe o que deveria ser essa reforma. Bastar-nos-á indicar seus princípios gerais, tal como parecem sobressair dos fatos precedentes” (DURKHEIM, 2008 [1893], p. XXII).

Portanto para Durkheim, o sociólogo deve ter como norte de suas pesquisas os fatos sociais, levando em consideração suas três características essenciais e tratando eles como coisas e, além disso, tendo o cuidado de estar sempre assumindo uma posição de neutralidade diante do fenômeno estudado. Tudo isso deve ser feito levando em consideração a consciência coletiva dos indivíduos. A consciência coletiva deve ser compreendida como “o conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade” (DURKHEIM, op. cit., p. 50).³ Diante dessas considerações, qual a análise de Durkheim a respeito do trabalho?

Em *Da Divisão do Trabalho Social* (1893), Durkheim vai dizer que com o surgimento da sociedade industrial a consciência coletiva começou a perder seu poder de regulação na sociedade e isso fez com que ela entrasse em um estado de anomia, ou seja, a sociedade estava doente porque os indivíduos não cooperavam mais entre si da maneira correta para que a sociedade funcionasse de maneira coerente e, conseqüentemente, fazendo com que seus participantes convivessem harmoniosamente. O que Durkheim está problematizando através dessas colocações é como a divisão social do trabalho desempenha uma função de coordenadora e reguladora das relações sociais e de manutenção dos laços sociais advindos da consciência coletiva. É interessante ressaltar que nesse livro o autor está tratando da divisão social do trabalho nas sociedades simples⁴ e da divisão do trabalho nas sociedades complexas.

No que se refere à divisão social do trabalho nas sociedades simples, Durkheim vai dizer que por estarem pouco evoluídas os indivíduos se reconheciam entre si e viam a

³ Durkheim não faz pouco caso das consciências particulares dos indivíduos. É preciso compreender que ele estava em busca de uma teoria e de um método autônomos para a sociologia e por isso defendia a ideia de que o sociólogo deveria se preocupar com a questão das consciências coletivas, ou seja, de como esse conjunto de crenças e de sentimentos que são comuns a todos os membros da sociedade regulam e criam comportamentos, códigos e uma postura sobre aquilo que é certo e aquilo que é errado para o bom funcionamento da sociedade.

⁴ O termo “sociedade simples” ou “sociedade menos evoluída” é problemático, porém, como estamos trabalhando com o que foi escrito pelo autor, é necessário que façamos uso dos seus termos. A título de curiosidade, preferiríamos adotar o termo “sociedades pré-capitalistas”.

necessidade de ajudar uns aos outros para manter a boa convivência e a harmonia social no sentido de evitar o estado de anomia. Diante disso, a consciência coletiva mantém os laços de ligação dos membros da sociedade muito fortes:

Daí resulta uma solidariedade *sui generis* que, nascida das semelhanças, vincula diretamente o indivíduo a sociedade [...]Essa solidariedade não consiste apenas num apego geral e indeterminado do indivíduo ao grupo, mas também torna harmônico o detalhe dos movimentos. De fato, como são os mesmos em toda parte, esses móveis coletivos produzem em toda parte os mesmos efeitos. Por conseguinte, cada vez que entram em jogo, as vontades se movem espontaneamente e em conjunto no mesmo sentido (DURKHEIM, op. cit., p.79, grifos do autor).

A esse tipo de solidariedade existente nas sociedades simples, Durkheim dá o nome de solidariedade mecânica. Nas sociedades simples baseadas na solidariedade mecânica o indivíduo tem um apego ao grupo que faz com que todos os seus movimentos e todas as suas atitudes, tarefas e funções sejam desempenhadas em prol da sociedade. Os indivíduos não reclamam e nem procuram deixar de desempenhar sua função, pois, tudo é feito pelo seu bem e pelo bem da coletividade.

Com o desenvolvimento industrial e, conseqüentemente, com o surgimento do capitalismo, a divisão social do trabalho torna-se complexa graças à especialização e o surgimento de várias funções. Por conta desse desenvolvimento, Durkheim vai dizer que nas sociedades complexas a consciência coletiva perde sua força e o risco de anomia social se torna constante. Nesse sentido, nas sociedades complexas, tem-se um tipo de solidariedade que não é mais baseada no consenso moral e no apego de cada indivíduo para com a coletividade:

Bem diverso é o caso da solidariedade produzida pela divisão do trabalho. Enquanto a precedente implica que os indivíduos se assemelham, esta supõe que eles diferem uns dos outros. A primeira só é possível na medida em que a personalidade individual é absorvida na personalidade coletiva; a segunda só é possível se cada um tiver uma esfera de ação própria, por conseguinte, uma personalidade. É necessário, pois, que a consciência coletiva deixe descoberta uma parte da consciência individual, para que nela se estabeleçam essas funções especiais que ela não pode regulamentar (DURKHEIM, op. cit., p.108).

A esse tipo de solidariedade, Durkheim dá o nome de orgânica. Essa solidariedade é orientada através da divisão social do trabalho e nela os indivíduos não estão mais interligados por um apego moral e isso faz com que nem todos saibam ou concordem com aquilo que é certo e aquilo que é errado e com aquilo que é bom e com aquilo que é ruim.

Em decorrência disso, nas sociedades complexas a anomia social se torna um risco constante, o que faz Durkheim dizer que é necessário,

[...] fazer cessar essa anomia, é encontrar os meios para fazer esses órgãos que ainda se chocam em movimentos discordantes concorrerem harmoniosamente, é introduzir em suas relações mais justiça, atenuando cada vez mais essas desigualdades externas que são a fonte do mal (op. cit., p. 432).

E como fazer cessar essa anomia, esse mal que se torna cada vez mais presente nas sociedades complexas? Para o autor, a solução está nas corporações⁵:

A ausência de qualquer instituição corporativa cria, pois, na organização de um povo como o nosso, um vazio cuja importância é difícil exagerar. É todo um sistema de órgãos necessários ao funcionamento normal da vida comum que nos faz falta. [...] Será necessário que, em cada profissão, um corpo de regras se constitua, fixando a quantidade de trabalho, a justa remuneração dos diferentes funcionários, seu dever para com os demais e para com a comunidade, etc. (DURKHEIM, op. cit., p. 38–39).

Portanto, o trabalho para Durkheim deve ser pensado levando em consideração a divisão social das tarefas que ele cria. Nas sociedades complexas a consciência coletiva perde a sua força por conta do surgimento de novas ideias, novas fronteiras, novas tarefas e novos conceitos. Com isso, o risco da sociedade entrar em estado de anomia é muito grande e para que isso não aconteça é preciso que as corporações, ou seja, esse corpo de funcionários e órgãos preparados para gerir e coordenar a divisão social do trabalho sirva de base não apenas para gerar lucro ou não atrapalhar o funcionamento de uma determinada empresa, mas para que ela também sirva como um agente mediador da vida comum ensinando os membros da coletividade sobre a importância de sua função para a harmonia da sociedade.

O Conceito de Trabalho em Karl Marx

Karl Marx nunca se preocupou em criar uma ciência da sociedade, ele era um autor com uma abordagem que abarcava várias áreas do conhecimento e, acima de tudo, uma abordagem crítica que fazia um ataque ferrenho ao modo de produção capitalista e todas as suas instituições e relações sociais. Nesse sentido, Marx foi o responsável pela criação do materialismo histórico – dialético, um método que rompe com o idealismo e prega a ideia da práxis, ou seja, a junção da teoria e da prática como ação transformadora da realidade:

⁵ Durkheim também aborda a questão das corporações em seu livro “O Suicídio”, escrito em 1897.

[...] na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. [...] o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência (MARX, 2003 [1859], p.5).

Partindo desses pressupostos que fazem uma crítica à filosofia idealista, Marx cria o seu método de análise da realidade: o materialismo histórico-dialético. O materialismo histórico-dialético parte de pressupostos reais, criados por homens que vivem em sociedade devido ao nível de desenvolvimento das forças produtivas. A teoria marxista parte do pressuposto de que as ideias, a consciência e as relações sociais existentes em uma determinada sociedade civil, dependem de determinadas formas de organização do consumo, do comércio e da produção. O materialismo histórico – dialético é uma teoria que afirma que não são as ideias e a consciência que controlam o homem, mas o homem é quem determina e constrói suas ideias e sua consciência na produção de sua existência. É a partir do materialismo histórico-dialético que Marx faz o seu estudo sobre o capitalismo que leva em consideração as categorias do trabalho, da alienação, da mercadoria, do fetichismo e da extração da mais-valia.

Na teoria marxiana, o trabalho deve ser compreendido como

[...] um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturnacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2013 [1867], p. 255).

O trabalho para Marx deve ser compreendido então como a relação consciente entre o homem e a natureza na qual o homem faz uso de todas as suas forças naturais que se encontram presentes no seu corpo fazendo com que ele também transforme aquilo que está ao seu redor.

Porém, a partir do materialismo histórico-dialético, Marx descobre que o modo de produção capitalista juntamente com o surgimento da divisão social do trabalho e as relações

sociais advindas dele, são permeadas pela contradição e pela luta de classes onde uma classe detentora dos meios de produção compra a força de trabalho de uma classe que não possui nada a não ser a sua força de trabalho.

Para Marx, quanto mais riqueza o trabalhador produz, mais pobre ele fica. Em uma sociedade capitalista, o trabalhador se torna uma mercadoria barata que vende a sua força de trabalho apenas para a sua subsistência. Esse processo ocorre porque as coisas, ou melhor dizendo, os objetos passam a ter mais valor do que os homens, ou seja, quanto mais a mercadoria se valoriza, mais o homem se torna desvalorizado e desacreditado. É a partir dessas constatações que Marx formula o seu conceito de alienação. Para ele:

quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem de consumir; quanto mais valores cria, tanto mais sem valor e mais indigno se torna; quanto mais refinado o seu produto, tanto mais deformado o trabalhador; quanto mais civilizado o produto tanto mais bárbaro o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, tanto mais impotente se torna o trabalhador; quanto mais brilhante e pleno de inteligência o trabalho, tanto mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna servo da natureza. [...] o trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz a privação para o trabalhador (1963[1844], p. 161).

Com base nessa citação, podemos perceber que a alienação do trabalhador é um processo que se reproduz de três formas. A primeira forma de reprodução da alienação ocorre em sua relação com os frutos de seu trabalho, ou seja, a mercadoria que é produzida pelo trabalhador não é mais reconhecida por ele; o trabalhador não sabe qual a finalidade daquela mercadoria e nem quem vai utilizá-la, a única coisa que ele sabe é que ele não poderá possuí-la devido ao seu alto custo. A segunda forma de reprodução da alienação ocorre no processo de produção de mercadorias. O trabalhador não se reconhece no seu trabalho, ele se torna infeliz e não se afirma no seu ambiente de trabalho. O trabalho se torna uma prisão para o trabalhador fazendo com que ele se sinta cansado e desmotivado. O trabalho deixa de ser uma atividade realizadora e transformadora do ser social e passa a ser uma atividade obrigatória, forçada, um sacrifício. A terceira forma de reprodução da alienação ocorre porque no modo de produção capitalista o trabalhador transforma o seu trabalho apenas em um meio de sua existência, ou seja, o trabalho não é mais uma atividade vital que transforma o ser genérico, mas apenas uma atividade que supre as necessidades vitais do trabalhador – comer, beber, comprar roupas etc.

Outra reflexão interessante no pensamento de Marx e que deve ser incluída nesse artigo que trata sobre o conceito de trabalho nos clássicos da sociologia, se refere a análise

da mercadoria. Para esse autor “a riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma “imensa coleção de mercadorias”, e a mercadoria individual como sua forma elementar” (MARX, 1983[1867], p. 45).

Em uma sociedade onde o modo de produção capitalista está em vigência, à mercadoria perde o seu valor de uso⁶ e passa a ter valor de troca, ou seja, para que se produzam mercadorias é preciso que essa mercadoria seja transferida para alguém que queira utilizá-la. Pra que isso seja possível, é necessário que se tenha uma divisão social do trabalho. Segundo Marx:

Numa sociedade cujos produtos assumem, genericamente, a forma de mercadoria, isto é, numa sociedade de produtores de mercadorias, desenvolve-se essa diferença qualitativa dos trabalhos úteis, executados independentemente uns dos outros, como negócios privados de produtores autônomos, num sistema complexo, numa divisão social do trabalho (op. cit., p. 50).

Nesse sentido, no capitalismo, as mercadorias passam a ter um valor ou uma forma de troca comum, que acaba com as diferenças existentes entre as variadas formas de valor de uso e valor de troca. Assim nasce o dinheiro:

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato (MARX, op. cit., p.47).

A partir dessa citação, podemos compreender a relação que existe entre a mercadoria e o trabalho alienado. A mercadoria que deve ser compreendida como a materialização e objetificação do trabalho em uma sociedade capitalista através da criação dos valores de troca e do dinheiro reduz o caráter útil dos produtos do trabalho a quase zero. Isso faz com que os trabalhadores percam a noção da utilidade do seu trabalho e vejam a mercadoria como algo que está longe dele, como algo que parece estar vivo. Isso leva então, ao chamado fetichismo da mercadoria que Marx (op. cit., p.70) conceitua como algo que “além de se pôr com os pés no chão, ela se põe sobre a cabeça perante todas as outras mercadorias e desenvolve de sua cabeça de madeira cismas muito mais estranhas do que se ela começasse a dançar por sua própria iniciativa”.

⁶ “A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso” (MARX, op. cit., p.45). Em outras épocas onde o modo de produção vigente não era o sistema capitalista, as mercadorias eram produzidas apenas para a satisfação pessoal, ou seja, possuíam valor de uso e não valor de troca.

Nesse sentido para Marx o trabalho deve ser compreendido como a relação entre o homem e a natureza, porém, com o surgimento do modo de produção capitalista e da divisão social do trabalho, ele adquire um caráter negativo que se torna sinônimo de antagonismo de classes e de reprodução das desigualdades sociais. Ao trabalhador, nada mais resta do que a venda da sua força de trabalho. Ele não se reconhece e nem se sente feliz com o produto e com o ambiente de seu trabalho. O trabalhador se torna cada vez mais pobre enquanto produz muitas riquezas que ficam nas mãos da classe dominante. Para Marx, o trabalho na sociedade capitalista é sinônimo de poder e dominação.

O Conceito de Trabalho em Max Weber

Diferentemente de Durkheim e Marx que focam suas análises na coletividade, Weber tem como principal foco de estudo o indivíduo e suas ações na sociedade. Nesse sentido, Para Weber (1987[1922], p.9) a sociologia deve ser compreendida como “aquela ciência que tem como meta a compreensão interpretativa da ação social de maneira a obter uma explicação de suas causas, de seu curso e dos seus efeitos”.

Partindo dessa definição do conceito de sociologia, Weber vai procurar uma maneira de estudar a conduta e o comportamento humano. É através da compreensão da ação social do indivíduo que Weber irá descobrir e estudar o seu comportamento na sociedade. A ação social pode ser classificada segundo quatro tipos diferentes: ação social em relação a fins; ação social em relação a valores; ação social em relação à afetividade e ação social em relação à tradição (WEBER, op. cit., p. 41).

Ainda em relação à teoria e o método weberiano, é importante ressaltar a questão dos tipos ideais. Para Weber, a realidade é infinita, ou seja, é inesgotável. Por conta dessa conclusão, esse autor vai dizer que nenhum conceito é capaz de explicar a realidade. Diante de tal situação, o máximo que o pesquisador pode conseguir fazer é criar tipologias que se aproximem o mais corretamente possível da realidade e do fenômeno que está sendo estudado. Por conta disso, é comum que se encontre nos escritos de weber os seus tipos de ação social, os tipos puros de dominação, os tipos de capitalismo, os tipos de burocracia, os tipos de poder etc. Nesse sentido, o tipo ideal é um recurso utilizado pelo pesquisador para se aproximar o mais corretamente possível da realidade e, muitas vezes, essas “construções típico-ideais da sociologia derivam seu caráter não somente do ponto de vista objetivo, mas também de sua aplicação a processos subjetivos” (WEBER, op.cit., p.34).

Portanto, a sociologia weberiana é uma sociologia compreensiva que busca entender e estudar o comportamento e a conduta humana – ou o sentido que os indivíduos atribuem a suas ações – através da criação de tipos ideais capazes de se aproximar o mais corretamente da realidade, tendo em vista que ela é infinita, ou seja, inesgotável. Levando em consideração esses pressupostos teórico-metodológicos, como Weber analisava o trabalho?

Em *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904), Weber vai tratar da questão do desencantamento do mundo e da ação social racional. Para abordar essa questão ele vai trazer o exemplo do catolicismo e da reforma protestante. Durante o desenvolvimento de seu livro, o autor vai dizer que alguns dos valores propagados pelo catolicismo como a questão de poupar dinheiro, a usura, a abstinência de uma vida boa e de luxo, o combate ao individualismo e outras doutrinações, causavam uma espécie de retardamento ou combate ao desenvolvimento do capitalismo, suas instituições e suas relações sociais.

A partir dessas considerações, Weber vai perceber nos escritos de Calvino e Lutero e, conseqüentemente, na Reforma Protestante uma ascendência para facilitar o desenvolvimento do capitalismo e a acumulação de capital:

[Resta, isso sim, o fato de que os protestantes [...] *seja* como camada dominante *ou* dominada, *seja* como maioria *ou* minoria, mostraram uma inclinação específica para o racionalismo econômico que não pôde e não pode ser igualmente observada entre os católicos, *nem* numa e *nem* noutra situação.] A razão desse comportamento distinto deve pois ser procurada principalmente na peculiaridade intrínseca e duradoura de cada confissão religiosa, e *não* [somente] na [respectiva] situação exterior histórico-política (WEBER, 2004 [1904], p. 33-34, grifos dele).

No protestantismo, os valores e ensinamentos eram inclinados para a acumulação de capital, a riqueza, o destaque no trabalho, os cargos de alta patente, o ascetismo e o individualismo, o que fez com que eles contribuíssem para o desenvolvimento do capital. É a partir dessas constatações que Weber vai perceber no protestantismo um “espírito” do capitalismo que foi capaz de superar o tradicionalismo e abrir espaço para o processo de desencantamento do mundo e de racionalização das ações dos indivíduos:

O adversário com o qual teve de lutar o “espírito” do capitalismo [no sentido de um determinado estilo de vida regido por normas e folhado a “ética”] foi em primeiro lugar [e continuou sendo] aquela espécie de sensibilidade e de comportamento que se pode chamar de *tradicionalismo* (WEBER, op. cit., p. 51, grifos dele).

Na análise de Max Weber, o protestantismo foi um dos principais atores na contribuição para o desenvolvimento do capitalismo e do processo de desencantamento do mundo, ou seja, desse processo de racionalização, burocratização e uso do cálculo e da matemática no lugar dos mitos e histórias que supostamente explicavam a realidade. O protestantismo foi o responsável pelo desenvolvimento de uma vocação para o trabalho, na qual se desenvolve uma conduta racional fundada na ideia de profissão (WEBER, op. cit., p.164).

A ideia de que o trabalho profissional moderno traz em si o cunho da ascese também não é nova. Restringir-se a um trabalho especializado e com isso renunciar ao tipo fáustico do homem universalista é, no mundo de hoje, o pressuposto da atividade que vale a pena de modo geral, pois atualmente “ação” e “renúncia” se condicionam uma à outra inevitavelmente: esse motivo ascético básico do estilo de vida burguês – se é que é estilo e não falta de estilo – também Goethe, do alto de sua sabedoria de vida, nos quis ensinar com os *Wanderjahre* {Anos de peregrinação} e com o fim que deu à vida de Fausto (WEBER, op. cit., p.164, grifos dele).

Portanto, o trabalho para Weber deve ser compreendido como uma vocação na qual o indivíduo desenvolve uma conduta racional baseada em uma profissão. Além disso, o trabalho está enquadrado em um processo de desencantamento do mundo e, conseqüentemente, em um processo de burocratização, racionalização e especialização.

Conclusão

Como pôde ser observado nas páginas anteriores, os clássicos da sociologia tem contribuições essenciais para a formação do sociólogo. A análise sobre o trabalho é apenas uma dessas contribuições e através dela podemos perceber como os estudos na sociologia contemporânea são influenciados pela teoria, pelo método e pelas conclusões desses autores.

Durkheim, Marx e Weber – cada um a sua maneira – trouxeram contribuições e conclusões sobre o trabalho na sociedade capitalista. Para Durkheim, a divisão social do trabalho se bem coordenada por um sistema de órgãos e funcionários competentes organizados através das corporações, pode ser um bem para a coletividade ensinando os indivíduos a conviver harmoniosamente no sentido de evitar o estado de anomia. Para Marx, a divisão social do trabalho reproduz os antagonismos de classe e o processo de exclusão e dominação. O trabalhador se torna pobre, miserável e não se reconhece no produto de seu trabalho, ou seja, o trabalho é alienado e não contribui para a emancipação humana. Para

Weber, o trabalho é uma vocação baseada em uma profissão que com o desenvolvimento do capitalismo contribuiu para o processo de desencantamento do mundo e, conseqüentemente, para o processo de burocratização, racionalização e especialização.

Para não ficarmos na mera descrição do conceito de trabalho proposto por esses autores, algumas análises críticas podem ser feitas. No que se refere ao conceito de trabalho em Durkheim, pode-se dizer que está presente um caráter conservador e um elogio a divisão social do trabalho que reproduz as relações sociais capitalistas que são produtoras da desigualdade e da exploração da classe trabalhadora por parte da classe burguesa. Existe também um elogio a liderança das corporações – que podemos definir como um corpo burocrático de administradores e gestores que conduz e lidera os trabalhadores durante todo o seu processo de trabalho. Por trás da ideia de anomia que está ligada a falta de cooperação dos indivíduos, existe a defesa da divisão desigual dos sujeitos por classe, etnia, religião etc., o conceito de trabalho para esse autor está orientado por uma visão positivista que almeja a ordem e o progresso capitalista, ou seja, a manutenção do *status quo* vigente. Nesse sentido “Durkheim retoma o pensamento conservador mas num novo contexto histórico, com o capitalismo consolidado e assim substitui o pensamento conservador pré-capitalista por um pensamento conservador moderno, capitalista” (VIANA, op. cit. p. 36).

No que se refere ao pensamento de Weber, podemos dizer que ele traz uma informação interessante ao perceber que o trabalho está relacionado a um processo de burocratização, racionalização e especialização associado ao desenvolvimento do capitalismo. Todavia, a análise desse autor apresenta alguns problemas. A sociologia de Weber é orientada pelo pensamento do indivíduo acerca da sua conduta para com determinado objetivo que ele pretende alcançar. Tal análise cai no subjetivismo e psicologismo (VIANA, op. cit.) e, além disso, há de se chamar a atenção para o fato da análise tipológica desse autor, onde ele cria tipos ideais que nem sempre são aplicáveis a realidade pois para ele a realidade é inesgotável e nenhum conceito é capaz de explicá-la. Nesse sentido, a análise desse pensador, não está preocupada com a transformação social e tampouco em fazer uma análise crítica da realidade. O que se tem é um estudo de caráter compreensivo no qual o autor busca apenas entender como os indivíduos agem segundo seus interesses em um determinado fim.

Dentre os estudos propostos por esses autores, acreditamos que apenas Marx foi capaz de trazer um conceito de trabalho que analisasse criticamente a realidade. Isso se deve

ao fato desse autor partir de uma perspectiva dialética e da totalidade, ou seja, seu pensamento e, conseqüentemente, seus conceitos são pensados através da análise do conjunto das relações sociais concretas que são produzidas pelos sujeitos dentro do modo de produção capitalista. Diferentemente de Durkheim, Marx via o trabalho na sociedade capitalista como a negação das potencialidades dos indivíduos. Ao trabalhador nada mais resta do que a venda da sua força de trabalho, a atividade laboral torna-se um peso, um castigo; o trabalho se torna alienado porque o trabalhador não se reconhece mais em sua atividade. Marx também faz uma crítica desapiedada ao modo de produção capitalista e sua divisão social do trabalho pautada na desigualdade social e no antagonismo entre as classes. Para esse autor, só a superação do modo de produção capitalista juntamente com todas as suas instituições e relações sociais e o surgimento de uma sociedade comunista é que fará com que os trabalhadores desenvolvam suas potencialidades. Tudo isso só é possível através da ação da classe proletária, que a partir do momento em que se liberta e abole o modo de produção capitalista, também abole a si mesma.

Referências Bibliográficas

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: Feurbach – A contraposição entre as cosmovisões Materialista e Idealista*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. A mercadoria. In: _____. *O Capital: Crítica da Economia Política, Volume I, Livro Primeiro, O Processo de Produção do Capital*. São Paulo: Abril cultural, 1983, p. 45-78.

_____. Prefácio. In: _____. *Contribuição à crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 3-11.

_____. O trabalho alienado. In: _____. *Manuscritos Económico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1964, p. 157-172.

_____. O processo de trabalho e o processo de valorização. In: _____. *O Capital: Crítica da Economia Política, Livro I, O Processo de Produção do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 255-277.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2004.

_____. *Conceitos básicos de Sociologia*. São Paulo: Editora Moraes, 1987.

VIANA, Nildo. Os pensadores clássicos da sociologia. In: _____. *Introdução à Sociologia*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011, p. 29-67.